A crise da Fundação é a crise da Cultura

A respeito do problema da Fundação Cultural, que não é só o da escolha de seu futuro presidente ou da permanência de Ruy Pereira da Silva, mas também de sua necessária reestruturação como único órgão cultural de Brasília, a matéria que saiu na quarta - feira estava sem assinatura e foi cortada. Prejudicou o esclarecimento da situação.

No entanto, ainda não se sabe quem vai para a Fundação Cultural e o que poderia estar sendo o debate do momento, na cidade, se resume a poucas conversas, como se a delicadeza do assunto escondesse a crise atual que vem se prolongando na Fundação Cultural.

A questão de sua necessária reestruturação liga - se imediatamente às novas orientações do Ministério da Educação. Tanto a "abertura política" como a transformação de Brasília num pólo cultural brasileiro, propostas oficiais do momento, só podem vir se realmente houver um debate público e os principais interessados entrarem no conflito: público, artistas, e dirigentes.

Como está a Fundação Cultural sofre de males comuns aos órgãos da política cultural governamental,

mas ao contrário do que propõem os novos tempos, insiste em permanecer como um caldeirão fechado e elitista.

Não é por outra razão que o emergente movimento cultural da cidade procura seus próprios caminhos. E nisso a crise é profícua. A criação de cooperativas, associações e sindicatos vem mostrar que o paternalismo exercido pela Fundação e sua conseqüente atitude diante das coisas da cidade deve perecer ou, do contrário, estará cada vez mais distante de ser um dos canais catalizadores da produção local.

E a crítica aberta e livre quer se estabelecer para que os episódios pitorescos já citados não ocorram como se fossem cenas naturais da vida cultural. Há pouco tempo mesmo um jornalista local foi impedido de participar da organização do Festival de Cinema por ter atacado a atitude da Fundação ao se negar a trazer o filme cubano "A Última Ceia".

A orientação que a Fundação dá aos seus patrocínios culturais, dispensa, por exemplo, nomes da música popular e até mesmo o Projeto Pixinguinha, da Funarte, um órgão de cultura bem mais

aberto às novidades. Cláudio Santoro mesmo, candidato, forte à presidência da FCDF, já disse não ver razão ou possibilidade de espetáculos de música popular na sala Villa - Lobos.

Então, por que a Fundação Cultural sofre de tantos melindres? A história parece ser bem mais antiga. Ferreira Gullar, que foi seu primeiro diretor, saiu também por pressão política. Pelo menos ele reconhece que "cheguei intelectual de vanguarda e saí poeta engajado".

Não se sabe se Gláuber está realmente interessado em se candidatar à presidência da Fundação. É possível que o nome já esteja escolhido. Depois disso, a articulação de mudanças naquele órgão fica por conta do Ministro Eduardo Portella, da Secretaria de Educação e Cultura do governo local e de quem assumir sua chefia.

O que não pode prosseguir, sem que os artistas da cidade e o público tenham seu direito de crítica, é a política desse órgão. Para, por exemplo, não assumir compromissos como a apressada inauguração do Teatro Nacional, que até hoje não está concluído, está sem salas de ensaios e sua Orquestra Sin-

fônica corre o perigo de acabar, mal foi criada.

As dificuldades são de toda sorte: econômicas, principalmente. Existe, contudo, um fato que não pode ser desprezado: o respeito ao surgimento do movimento cultural brasileiro. Por que não apoiar o movimento cineclubista que há anos se vira para manter em esquema paralelo de exibição e discussão do cinema? Por que promover encontros de compositores que custam boa nota quando o público não é convidado a participar? Por que o Encontro Nacional de Escritores tem sido nos últimos anos uma cantilena monótona de teorrias literárias? Por que as cidades-satélites continuam confinadas à sua solidão, obrigadas a verem sempre os mesmos carbonos de bang-bang e outros enlatados?

Não se trata de defender ou atacar nomes para a presidência da Fundação. Trata-se de ir mais a fundo no problema da ingerência sobre a cultura brasileira, sobre a liberdade artística e de expressão. O que o Gláuber diria se estivesse aqui?